



A CIDADE MODERNA SOB O OLHAR DO POETA MARIO QUINTANA

Priscila Viana Alves

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal Fluminense Brasil
Polo Campos dos Goytacazes RJ
priscilaviana@id.uff.br

Elis de Araújo Miranda

Professora dos Programas de Pós-Graduação em Geografia e Desenvolvimento
Regional, Ambiente e Políticas Públicas
Universidade Federal Fluminense Brasil
Polo Campos dos Goytacazes RJ
elismiranda10@gmail.com

1-INTRODUÇÃO

O espaço urbano foi cenário para o desenvolvimento da imaginação de Quintana e este eternizou as transformações que ocorreram na cidade no século XX em seus poemas. Mario Quintana, sujeito do século XX, vivenciou as transformações emergentes no espaço urbano, como também na sociedade de sua época, nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul. Assim, compreende-se que há uma relação intrínseca entre a produção literária *quintaneana* e as reformas urbanísticas que aconteceram na cidade de Porto Alegre. As transformações que ocorreram na cidade no século XX, bem como as mudanças nos hábitos citadinos foram sentidas pelo poeta e referenciadas em seus poemas, objeto de análise desse trabalho. Parte-se das orientações teórico-metodológicas da corrente de pensamento denominada de geografia humanista-cultural, pautada na concepção fenomenológica que possibilita a leitura da subjetividade humana em relação ao espaço vivido, experienciado. Para esta análise, foram selecionados poemas do autor, em especial, enfatizando os que fazem referência a paisagem, às ruas e aos lugares vivenciados e sujeitos que compartilharam as experiências urbanas e sentiram as mudanças provocadas por projetos de intervenção urbanística.

O objetivo deste trabalho é evidenciar que por meio da literatura, a cidade pode ser compreendida e analisada, como também a produção do espaço urbano moderno pode ser debatida através das apreciações artísticas. Deste modo a obra de Mario



Quintana pode contribuir com esta tarefa, pois é repleta de representações da cidade de Porto Alegre e revela que o espaço é fonte de inspiração ao revelar os traços de uma geografia vivida, experienciada e imaginada.

2-QUINTANA E SUA OBRA

Alfredo Bosi, em sua compilação da literatura brasileira, situa Mario Quintana na poesia pós-modernista (BOSI, 2015, p. 496). Mesmo sua obra não sendo conhecida amplamente e reconhecida pelo público, como também pela própria crítica literária, Quintana é um vulto importante para a literatura brasileira contemporânea. Mesmo localizado na tendência contemporânea, Quintana possui marcas românticas, como o embate entre o poeta e sociedade, tentativa de fuga dos males urbanos, com influência de Rimbaud, Mallarmé e Allan Poe citados em seus poemas. Como também demonstrou traços simbolistas em suas analogias e crítica a reprodução positivista da racionalidade burguesa que não fazia sentido para o eu-lírico. O refúgio na poesia em relação a sua impotência frente à sociedade é marcante também em seus poemas. Mario Quintana não pertenceu a nenhuma escola, mesmo sendo influenciado pelo modernismo o que possibilitou criar escapes, como estilo *quintanares*¹.

O contexto social em que o sujeito lírico está envolvido por vezes é expresso por meio de referências concretas ao espaço e a sociedade. O que não quer dizer que o poema expresse necessariamente a dimensão exata da experiência dos outros indivíduos. A universalidade é constatada nos temas, que fazem alusão à própria condição da pessoa humana, tema que nunca se esgota pelo artista. A profunda análise subjetiva leva o poeta a compreensão mais abrangente de aspectos da realidade. Para Adorno:

A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela. É isso o que se deve esperar, e até a mais simples reflexão caminha nesse sentido. Pois o teor [*Gehalt*] de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquista, sua participação no universal (ADORNO, 1989, p. 66).

¹ Quintanares são poemas em prosa, característica própria do autor, usados como escape para sobreviver a melancolia e nostalgia ao tentar dialogar com o prosaico.

Por mais que o conteúdo lírico seja expresso a partir das experiências subjetivas e abstratas dos sujeitos, ele também expressa a reflexão de temas pertinentes a toda a humanidade, como a vida, a morte, as experiências com outros sujeitos. Por isso a referência social e espacial deve ter importância na criação poética, o que pode ser estudado por meio da análise dos poemas. A poesia de Quintana consiste na combinação do lírico e da ironia, do extraordinário e do ordinário: “encontra-se desde o nascedouro sob o signo da contradição” (BECKER, 1996, p. 15).

A obra de Quintana é rica em referências ao espaço geográfico de maneira abrangente, com alusões ao urbano, ao campo, a natureza, países, paisagens, lugares. A vida urbana e seus embates ontológicos *experienciadas* pelos sujeitos na Modernidade se confrontam nas relações de espaço-temporais. Alves em seu estudo de uma escrita recente, do recorte entre o período da década de 1990 até a contemporaneidade afirma existirem “poéticas assumidamente espaciais” (2009, p. 206) o que se concorda ser o caso de Quintana, embora o recorte seja do século XX. A análise dessas poéticas específicas contribui para a compreensão do sentido da produção literária e sua relação com o mundo por meio do estudo das experiências dos sujeitos com o lugar, como também a valorização de aspectos peculiares de cada indivíduo. Buscar referências da geografia na poesia, como possíveis alusões ao lugar, a paisagem, o espaço urbano, possibilitam compreender a correspondência entre o sujeito e sua experiência com o espaço.

Perseguir a paisagem na poesia auxilia a ver, com acuidade, a problemática relação entre sujeito e mundo a partir de experiências corporais de perda, de degradação ou solidão, por outro, possibilita reconhecer a sobrevida de gestos de singularidade num tempo de massificação e de indiferenciação (ALVES, 2009, p. 215).

O que dá coesão e sentido a imaginação poética de Mario Quintana é a inconformidade com o tempo presente, embora esta seja encarada de formas diferentes, com ironia, melancolia, lirismo intimista e não como poesia engajada. “A construção de uma poesia distanciada da existência concreta, visceralmente individual, aponta para o que há de errado nessa existência, implica o protesto contra um estado social tido como



hostil, alheio, frio e opressivo” (YOKOZAWA, 2006, p. 44). Quintana apesar de sua introspecção demonstrou sua discordância com a frivolidade nas relações sociais, como também no distanciamento nas relações com o lugar.

Fernandes (2014, p 193) chama de específica forma de representação geográfica a maneira pela qual Quintana retrata o espaço em seus poemas como a maneira que ele expressa a correspondência entre o mundo objetivo e subjetivo. O que demonstra a identificação do autor com a cidade e seu pertencimento ao lugar. Deste modo Quintana tinha a característica do *flâneur*; personagem, dândi, por excelência da cidade da modernidade. Que procura observar os sujeitos no cotidiano do espaço urbano e questiona a sociedade e constata a perda da experiência entre os sujeitos e o espaço. Para Benjamin: “havia o transeunte, que se enfia na multidão, mas havia também o *flâneur*, que precisa de espaço livre e não quer perder sua privacidade” (BENJAMIN, 1989, p. 50). O *flâneur* existe somente na multidão e no espaço público, todavia não se confunde dentro dela, é uma personalidade distinta.

Quintana, muitas vezes, imprimiu um caminhar solitário – talvez isso tenha contribuído para intensificar o hábito de grande observador da paisagem citadina. Em suas andanças, percorreu os labirintos das ruas, frequentou cinemas, bares, jornais, praças, quartos de pensões e hotéis que serviram de pontos de encontros e desencontros de uma vida dedicada à poesia e, parte dela, à cidade de Porto Alegre (FERNANDES, 2014, p 193).

Quintana apresenta uma sensação nostálgica tendo em vista que fez menção a um espaço anterior, em que os processos de urbanização e industrialização transformaram a cidade ao alterar as marcas de reconhecimento com o lugar de experiência. O que leva a fragmentação da identidade e a constituição de novos processos de relação espaço e tempo, que se tornam mais acelerados o que resulta no descontentamento diante do mundo (FERNANDES, 2014, p.195). O modo de vida acelerado da cidade moderna também enfraquece determinadas experiências dos sujeitos entre si e com o espaço de vivência. As andanças pelo espaço urbano são descompromissadas de observação minuciosa, em parte pelo modo agitado de se portar na rua. A sobrevivência da poesia foi sua preocupação durante toda a vida, uma palavra que abala as estruturas da racionalidade.

3- ESPAÇO QUINTANEANO

Os poemas selecionados são analisados a partir da teoria geográfica, especificamente no campo da geografia humanista o que permite compreender como o espaço é importante para o desenvolvimento da imaginação do autor. O espaço não é somente cenário, é inspiração para a criação dos poemas, de modo que a experiência de mundo em relação à concretude da cidade pode ser associada a produção literária. A obra de Quintana é um importante caminho para a leitura do espaço, da mesma maneira que as obras líricas podem ser compreendidas pelo olhar da geografia.

A existência de uma geografia quintaneana, demonstra que o poeta possui uma relação com o lugar de sua vivência, Porto Alegre, e que sua poesia não é somente de cunho intimista, mas dialoga com os temas que permeiam a sociedade. Procurou-se realizar a análise do poema e não a poesia de conteúdo abstrato, como também a análise não foi necessariamente interpretação, parte-se da realidade concreta do texto escrito, sob a orientação de Cândido (1996).

O poeta constantemente ao longo de seus poemas fala da rua, em alguns casos com tom mais íntimo, fala da ruazinha. Por vezes trata da rua de suas memórias, eleita pela lembrança como o lugar do sossego, do equilíbrio e do estado de felicidade. Ao contrário em alguns poemas fala da rua tal qual como da modernidade, uma rua sem vida, sem relações e apego. Em outros casos expressa a rua que não existe na realidade, porém existe em sua imaginação, é a rua da utopia, a rua das pessoas, a rua dos sonhos em que o poeta deseja habitar. O espaço público da rua é o lugar em que a vida ocorre e onde ela é percebida, consiste no espaço construído por todos os que habitam a cidade, seja na construção de lugares de afetividade ou de rejeição. A rua é o lugar em que os sujeitos diferentes se encontram, estes se compreendem como sujeitos no mundo a partir desta relação com o lugar público. Na cidade contemporânea os indivíduos diminuíram o tempo em que passam na rua, esta é referência ao perigo, a violência, ao desprazer. A relação de satisfação em estar na rua é substituída pela aceleração e indiferença. A rua não é mais espaço de convivência, mas apenas de passagem.

Quintana em *O especialista*, do livro *Caderno H*, fala da exacerbação dos sons da cidade que resulta na poluição sonora das metrópoles que poderá ocasionar na existência de especialistas em “surdificação”. Estes especialistas terão como tarefa deixar os indivíduos imunes aos barulhos metropolitanos dos automóveis e perturbações estéticas como músicas altas e programas de televisão que prejudicam a sua tranquilidade.

Com a intensificação incessante da poluição sonora – revelou-me a Sibila de Delfos – não está longe o dia em que aparecerão nos jornais anúncios como este: “Dr. Praxedes, especialista em surdificação, compromete-se dentro em seis meses a deixá-lo imune às descargas automobilísticas, aos ruídos infernais do doce lar, à música Pop, a determinados programas de TV” (QUINTANA, 1973, p. 113).

No poema *Um pé depois do outro*, do livro *A vaca e o hipogrifo*, há alusões à rua e às paisagens suburbanas. Nele o eu-lírico revela seu hábito de flânar, de fazer descobertas a céu aberto e a pé. Não importava o nome da rua pois “estávamos fazendo descobrimentos e não turismo”. Eram “colombos desinteressados”. O personagem Flânerie não existe mais, pois foi estrangulado pelo “progresso” da modernidade. “Naquele tempo as pessoas costumavam reparar umas nas outras”, revela que as relações humanas, na percepção do poeta, eram mais estreitas e de contato. No entanto, hoje pela aceleração da vida urbana esse hábito não é preponderante. As pessoas tinham curiosidade sobre si e hoje não possuem a capacidade de se perceberem.

Há gente que gosta de escalar o Everest – uma paranoia como outra qualquer. Mas sou insuspeito para mandar contra, em vista da modéstia de minha própria mania. A qual consiste em descobrir ruazinhas desconhecidas. Como se vê, uma mania bastante chã. Sérgio de Gouvêa e eu éramos peritos nisso. Descíamos num fim-de-linha e, quando nos sorria a perspectiva, enveredávamos por qualquer rua transversal. Nunca nos importou o nome da rua, porque estávamos fazendo descobrimentos e não turismo e, além disso, não constava de nossas intenções colonizar aquelas terras incógnitas, nem mais lá voltar. Éramos uns Colombos completamente desinteressados. Naquele tempo as pessoas costumavam reparar umas nas outras e os aborígenes nos fitavam com um olhar de quem indaga: “Quem serão esses?” Bem saciados os olhos nas paisagens suburbanas, sucedia-nos às vezes também descobrir um bar, geralmente de esquina, onde saciávamos a sede. Só não saciávamos os assuntos, sobremaneira metafísicos – o que deve deixar espantados os pragmáticos de hoje (QUINTANA, 1983, pp. 102 e 103).



No *Caderno H*, em *cartazes*, Quintana fala da colonização da rua promovida pela publicidade de consumo que anunciam produtos e serviços. A tentativa do poeta de fugir para outro lugar é olhar para o firmamento, que tranquilo demonstra o sublime. A paisagem urbana foi transformada em vitrine para expor produtos e gerar consumo. O escape para o poeta é fitar seus olhos no céu.

Os ônibus anunciam dentifrícios, depilatórios, tônicos, etc.
As lojas anunciam liquidações.
Os muros anunciam candidatos.
Os letreiros luminosos anunciam refrigerantes, pneus, o diabo...
E quando, enfim, numa última tentativa de fuga, a gente ergue os olhos para o céu sereno, os Céus anunciam a Glória do Senhor (QUINTANA, 1973, p. 147).

Em *Natureza*, no livro *Na volta da esquina*, Quintana fala de sua visita ao Rio, ocasião em que queriam apresentá-lo a paisagem, mas ele não desejava isso, pois ele mesmo se considerava um viajante e não turista. Queria descobrir os lugares e não somente conhecer os pontos turísticos. Possivelmente é uma crítica a promoção dos lugares para o lucro e não como anseio de conhecer as paisagens, desbravar a terra. “Não se pode conhecer nada em um minuto e só por isso é que os turistas não conhecem o mundo”, nesse verso expressa que o conhecimento pressupõe experimentação do espaço enquanto lugar e não somente usufruir artificialmente da paisagem.

[...] Pois bem que ele devia saber, como poeta de verdade, que nunca se deve ser apresentado a uma paisagem. É uma situação embaraçosa. Nem ao menos se lhe pode dizer: “Muito prazer em conhece-la, minha senhora!”

Esse não pode ser um conhecimento voluntário, aprazado, mas uma lenta osmose inconsciente, de modo que no fim se fique pertencendo à paisagem, e vice-versa.

Não se pode conhecer nada num minuto só por isso que os turistas não conhecem o mundo (QUINTANA, 1979, p. 45).

No livro *Da preguiça como método de trabalho*, no poema *O passeio*, Quintana questiona o desaparecimento dos admirados crepúsculos de Porto Alegre. O arranha-céu, chamado de gato, devorou a exuberância da aurora e do pôr-do-sol. A contemplação da paisagem natural na cidade moderna possui uma dimensão simbólica importante, pois questiona todo o imaginário de aceleração contemporânea em que não é possível parar para ao menos perceber o espetáculo que a percepção abarca.



... mas não vi o crepúsculo – onde aqueles crepúsculos de Porto Alegre, de uma beleza pungente até o grito?

- Sim, cadê o crepúsculo?

- O gato comeu!

O gato se chama hoje arranha-céu, que aliás, ao que parece, ninguém mais chama desse jeito. Esvaziou-se o espanto (QUINTANA, 1987, p. 135).

A centralidade da paisagem é nítida nos poemas acima, seja nas expressões relativas à admiração do céu, das belezas naturais da cidade, como também na visão crítica perante a paisagem urbana que se alterou e não traz mais a satisfação de outrora. No poema *arquitetura funcional*, do livro *Apontamentos de história sobrenatural*, o eu-lírico diz que não gosta de arquitetura nova, pois ela não constrói casas velhas. Não gosta de casas novas, pois elas não têm fantasmas. Afirma sentir pena das crianças de hoje que habitam em casas e indaga sobre como pode vir morar o sonho em lares desse tipo, em “moradas oniricamente incompletas” (BACHELARD, p. 44). Ou seja, casas que não possuem fantasias. Neste poema, portanto, a nostalgia se direciona a arquitetura das casas que, transformando-as em espaços estrangulados, perdeu seus corredores, porões, sótãos e junto com eles os espaços de mistério.

Não gosto da arquitetura nova

Porque a arquitetura nova não faz casas velhas

Não gosto de casas novas

Porque as casas novas não têm fantasmas

E, quando digo fantasmas, não quero dizer essas

[assombrações vulgares

Que andam por ai...

É não-sei-quê de mais sutil

Nessas velhas, velhas casas,

Como, em nós, a presença invisível da alma... Tu nem

[sabes

A pena que me dão as crianças de hoje!

Vivem desencantadas como uns órfãos:

As suas casas não tem porões nem sótãos,

São umas pobres casas sem mistério.

Como pode nelas vir morar o sonho?

O sonho é sempre um hóspede clandestino e é preciso

(como bem sabíamos)

Ocultá-lo das visitas

(Que diriam elas, as solenes visitas)

É preciso ocultá-lo das outras pessoas da casa,

É preciso ocultá-lo dos confesores,

Dos professores,

Até dos Profetas

(Os Profetas estão sempre profetizando outras cousas...)

E as casas novas não têm ao menos aqueles longos,

[intermináveis corredores

Que a Lua vinha às vezes assombrar! (QUINTANA, 1976, p. 42).

No poema *mapa-múndi*, de *Na volta da Esquina*, o eu-lírico expressa a sua visão sobre a homogeneização das cidades famosas, que nada tem de distinto para encantar aos olhos, posto que o único traço de diferenciação delas são os turistas. Os turistas não experimentam o espaço, apenas usam de forma banal os pontos turísticos que permitem ter sensação de conhecimento do lugar. Os sujeitos que fazem turismo por vezes não se interessam em estabelecer um contato mais perene com o lugar.

[...] no mundo de hoje, para desconsolo dos descendentes de Sindbad e de Marco Pólo, a única cor local das cidades famosas são os turistas. (QUINTANA, 1979, p. 23).

Em *Notas da cidade*, *Na volta da Esquina*, Quintana justifica por que vive se mudando de hotel: arquitetura nova não faz casas velhas. O poeta gosta de habitar em casas velhas. Em relação aos lugares de socialização, ele fala que os cafés tinham lugar para sentar e possibilitam pensar. No entanto, agora os cafés são de “barranco”, não tem a disposição que permite a reflexão. O espaço faz parte da construção interior e da

estabilidade dos sujeitos e em tempo de mudança arquitetônica o eu-lírico fica sem referência, desnordeado. Para Bachelard (p,37) “pode-se opor a racionalidade do teto à irracionalidade do porão [...] No porão também encontramos utilidades [...] ele é a princípio o *ser obscuro* da casa, o ser que participa das potências subterrâneas”.

Esses tetos baixos me abafam... De modo que só resido em casas antigas. Acontece é que as casas velhas têm proprietários velhos, muito velhos aliás e por isso mesmo muitos morredores. E seus herdeiros resolvem vendê-las a construtores de edifícios. Resultado: há anos que venho me mudando: sou uma pobre vítima do surto do progresso e do clamor público.

É nessas épocas de mudança arquitetônica que se dá a maior instabilidade social e individual.

E quantas vezes nós, ao passar por uma velha rua cotidiana, sentimos uma vaga inquietação, uma falta de não sei quê. Vai-se ver, é que um simples laço de muro que demoliram e que, tijolo a tijolo, fazia parte da nossa construção interior, da nossa estabilidade, em suma (QUINTANA, 1979, p. 48).

5-CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia lírica de Quintana pode ser uma ferramenta de conhecimento da vida social e política de Porto Alegre, pois o poeta observou a evolução urbana da cidade paulatinamente ao longo do século XX, sua obra pode ser considerada uma representação social e geográfica, pois podem ser percebidos registros de eventos históricos, sociais e espaciais em sua poesia. O poeta não vive fora de seu tempo e por mais que seu lirismo seja profundamente introspectivo, não se ausentou do espaço da rua. Quintana foi um poeta de poesia pura, sua percepção da concretude da cidade foi purificada pela imaginação. O que permitiu que o autor não fosse reconhecido por sua poesia engajada, mas pelo seu exame íntimo de seus sentimentos, reações diante do mundo. Toda a poesia de Quintana consistiu no desafio à burguesia, foi um chamado à crítica (TREVISAN, 2006, p. 41). Perceber tal circunstância com o olhar da geografia possibilitou a compreensão do próprio espaço urbano a luz do lirismo.

Defende-se que há uma característica singular de relação com o lugar presente na obra analisada. O conteúdo geográfico existente na obra de Mario Quintana possibilitou entender a relação intrínseca entre a produção literária Quintaneana e a cidade de Porto Alegre. As transformações que ocorreram na cidade no século XX, bem como a mudança nos hábitos citadinos foram marcas dos poemas analisados nesse



trabalho. A geografia humanista como base de orientação para essa investigação possibilitou compreender que o lugar é construído por meio de sentimentos que podem ser de afeição e também de conflito.

6-REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade (1957). In: Notas de literatura I, trad. Jorge de Almeida, São Paulo: 34, 2003, pp. 65-89

ALVES, Ida. Cruzamentos Urbanos na Poesia Portuguesa Recente. Via Atlântica n° 15 JUN/2009.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 2015.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BECKER, Paulo. Mario Quintana: as faces do feiticeiro. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS/EDIPUCRS, 1996.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire- um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989 (Obras Escolhidas III).

CÂNDIDO, Antônio. O estudo analítico do poema. 3. ed. São Paulo: Humanitas publicações FFLCH/USP, 1996.

DARDEL, Eric. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERNANDES, Mônica Luiza Socio. O mapa: registros da poética urbana de Mario Quintana. TODAS AS LETRAS W, São Paulo, maio 2014, v. 16, n. 1, p. 190-199.

QUINTANA, Mário. Apontamentos de História Sobrenatural. Porto Alegre: IEL, DAC, SEC, Globo, 1976.

_____. Na volta da Esquina. Porto Alegre: Globo, RBS, 1979.

_____. Caderno H. Globo Livros, 1973.

_____. A vaca e o hipogrifo. Porto Alegre: L&PM, 1977.

_____. Da preguiça como método de trabalho. Editora Globo, 1987.

TREVISAN, Armindo. Mario Quintana desconhecido. Porto Alegre: Brejo editora, 2006.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. A memória lírica de Mario Quintana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. 300p.